

As Cores e Luzes do Progresso na Exposição Internacional Pan-Americana de 1901, em Buffalo.¹

MÔNICA MARTINS

TERESA CRIBELLI²

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar as ideias sobre o Pan-americanismo que estiveram presentes na organização e execução da Exposição Internacional Pan-Americana de Búfalo, Nova Iorque, realizada em 1901. Ela representou uma exibição das ideias imperialistas presentes na perspectiva pan-americana, demonstrando também os seus limites. Projetada com o objetivo de ampliar as relações comerciais e industriais com a América Latina, essa exposição foi caracterizada pela exacerbada utilização da eletricidade e do uso de cores variadas, que demonstravam a pujança tecnológica e a abundância de recursos naturais do continente, destacando-se a superioridade norte-americana. Ela foi marcada ainda pelo forte apelo às teorias raciais, tanto em sua dimensão estética quanto arquitetônica, levando os expectadores a vislumbrar o “progresso da evolução humana” através da beleza, da organização e da distribuição artística das cores dos seus pavilhões, que lhe garantiram a designação de “rainbow city”. Direcionamos nossa análise sobre tais aspectos analisando como a exposição de 1901 serviu à propaganda do projeto pan-americano, reforçando os interesses comerciais e industriais dentro e fora dos Estados Unidos, materializando visualmente uma ideia evolucionista em sua organização estética do espaço das instalações. Após a criação da Companhia da Exposição Pan-americana, em 1897, foi iniciado um conjunto de ações para tornar realidade a ideia de organizar o grande evento de celebração à união dos povos da América.

1 A versão completa desse artigo foi aprovada para publicação em maio de 2020 pela Revista de Estudos Ibero-americanos, fazendo parte do Dossiê: Pan-americanismo: novos olhares sobre as relações continentais - Vol. 46, n. 3 (setembro a dezembro de 2020).

2 Mônica Martins é Professora do Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Teresa Cribelli é professora do Departamento de História da Universidade do Alabama. Ambas são pesquisadoras associadas ao INCT Proprietas/CNPq.

Introdução

As Exposições Universais se caracterizaram como eventos grandiosos que marcaram profundamente as relações políticas, econômicas, diplomáticas e científicas entre os países na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Embora elas tenham continuidade ainda na atualidade, após a Primeira Guerra mundial as exposições adotaram outros objetivos, sendo conduzidas com maior ingerência dos grandes grupos corporativos. Além disso, ao longo do tempo vários eventos internacionais foram organizados com finalidades diplomáticas, científicas ou de mero entretenimento (jogos olímpicos, parques temáticos, congressos científicos, conferências políticas e diplomáticas etc.), cumprindo funções diversas que antes eram representadas pela amplitude dessas exposições. Essas perspectivas nos ajudam a compreender como as exposições universais ou internacionais assumiram uma dimensão social tão ampla, tanto na consolidação da esfera pública burguesa, quanto na disseminação de perspectivas culturais e educacionais, de hábitos de consumo e de valores que, aos poucos, elas também contribuíam para massificar. Particularmente, elas atenderam às expectativas dos países da Europa ocidental e dos Estados Unidos de fixarem parâmetros culturais entendidos como dominantes e mais avançados.

Mas as exposições traçavam ainda uma rota para a exibição e para o conhecimento daquilo que era produzido e inventado. Tanto se apresentavam os resultados de uma indústria em expansão, quanto as fontes de riquezas naturais apropriadas por cada país, fossem em seus territórios de origem, fossem em suas colônias. Esses eventos evidenciavam a face econômica do imperialismo na projeção de algumas nações sobre as outras, assim como os países recém independentes da América eram integrados ao mesmo circuito, demonstrando seu potencial de participação nas redes de comércio mundiais. As exposições de caráter internacional tiveram início em 1851, quando Londres ousou a construção do Palácio de Cristal e utilizou de sua hegemonia econômica para atrair o mundo para a *Great Exhibition*, a primeira iniciativa de reunir a produção industrial e agrícola dos vários países e das suas colônias. Nas décadas seguintes, muitas nações ingressaram na era das exposições como participantes, concorrendo ainda para sediá-las, visando atrair investimentos e garantir visibilidade internacional. Os Estados Unidos ingressaram decisivamente nas exposições em 1876, organizando um dos mais icônicos eventos do século, a Exposição Universal Centenária da Filadélfia, em 1876.

A partir dos anos 1890, sobretudo após a Guerra Hispano-Americana, em 1898, a expansão dos interesses econômicos norte-americanos se intensificou sobre a América Central, o Caribe e a América do Sul, assumindo uma forma política mais definida. Entre 1898 e 1916 uma nova dimensão ideológica apareceu nas exposições estadunidenses, resultado da afirmação do império colonial recém-adquirido e da iniciativa de promover nas feiras uma imagem positiva do paternalismo dos Estados Unidos, demonstrando os benefícios garantidos àqueles que estavam subordinados ao seu domínio (RYDELL, FINDLING e PELLE, 2000, p. 44).

Nesse sentido, os objetivos relacionados ao Pan-americanismo comungaram com as possibilidades de difusão ideológica propiciada pelos espaços das exposições.

Seguindo essa perspectiva, buscamos aqui traçar os objetivos que nortearam a organização da *Pan-American Exposition*, realizada em Búfalo, Nova York, em 1901. Famosa pelo assassinato do presidente da república William McKinley por um anarquista, ocorrido no Templo da Música no mês de setembro, esse evento se esforçou para representar também um triunfo da tecnologia: a eletricidade que, pelo domínio sobre as águas do Niágara, a quarenta quilômetros de suas instalações, garantia o espetáculo de luzes por todos os cantos da exposição. Ao mesmo tempo, menos propagado, o fracasso do uso da máquina de raio X na avaliação do estado do presidente atingido por facadas (CREIGHTON, 2016) mostrou os limites tênues do exibicionismo tecnológico diante da tragédia. Essa exposição evidenciava ainda as teorias raciais em sua dimensão estética e arquitetônica, levando os expectadores a vislumbrar o “progresso da evolução humana” através da beleza, da organização e da distribuição artística das cores dos seus pavilhões. Direcionamos nossa análise sobre tais aspectos discorrendo sobre como a exposição de 1901 serviu à propaganda do projeto pan-americano dentro e fora dos Estados Unidos, materializando visualmente uma ideia evolucionista em sua organização estética do espaço das instalações.

Iniciativas de integração pan-americana

Ao longo do século XIX o ideal de unidade dos países da América foi difundido através de vários projetos. Nos Estados Unidos a explanação mais acabada desses objetivos foi formulada em 1823, através da Doutrina Monroe, destacando princípios que indicavam à Europa uma intenção de controle sobre o restante do continente. Somou-se a esse enunciado a sequência de ações expansionistas que lograram ampliar o território do país, anexando áreas ao Sul, ao Norte e a Oeste. Antes da Guerra Civil, essas visões sobre a anexação se estendiam também à América Latina (FIFER, 1991). Ao final do século XIX, o fortalecimento interno de uma identidade nacional, aliado ao efetivo domínio territorial sobre parte do continente, fomentou uma perspectiva expansionista que seduziu parte significativa da elite estadunidense, tornando-a defensora de uma ideia um tanto difundida de Pan-americanismo. Esses novos anseios explicam em certa medida a organização do I Congresso Internacional Pan-americano em 1889, realizado sob estímulo do governo dos Estados Unidos (SOTOMAYOR, 1996, p. 761). Esse primeiro congresso foi denominado também de Conferência Internacional Americana, a partir da qual foi reconhecida a primeira união formal entre os países do continente, a União Internacional das Repúblicas Americanas ou União Pan-americana (VARGAS, 2014).

Foram dez conferências sob a denominação de Pan-americanas, realizadas entre os anos entre 1889 e 1954, nas cidades de Washington (1889), México (1901), Rio de Janeiro (1906), Buenos Aires (1910), Santiago de Chile (1923), Havana (1928), Montevideu (1933), Lima (1938), Bogotá (1948) e Caracas (1954)

(FERRERAS, 2013, p.161). O termo Pan-americanismo remetia-se à noção de Hemisfério Ocidental – muito presente nos documentos do Oitocentos -, utilizada por governos estadunidenses desde a primeira metade do século XIX para referir-se ao novo mundo em contraposição ao “velho”.

Além de não contar com a presença e o apoio de todos os países, as intenções do primeiro congresso pan-americano não foram consideradas exatamente bem-sucedidas. Dúvidas diversas atravessaram os debates, especialmente sobre o objetivo de uma efetiva garantia da paz no continente, que não encontravam coerência com a realidade das ações militares desencadeadas pelos Estados Unidos. Um dos principais objetivos econômicos do evento, o estabelecimento de uma união aduaneira e monetária, também não se efetivou e o único resultado prático da primeira conferência foi a criação do Departamento Comercial das Repúblicas Americanas, mais tarde denominado União Pan-americana (BAGGIO, 2000, p. 3). Ao longo dos anos que se seguiram à primeira conferência em Washington, uma série de investidas estadunidenses no Caribe e na América Central³ (GOBAT, 2013; BETHELL, 2018) demonstraram tanto a sua superioridade militar na região, quanto a sua disposição em empregá-la para subjugar os demais países. Os Estados Unidos evidenciavam uma nova atitude política em relação ao continente, atuando como árbitro das relações internacionais e trabalhando ativamente para a expansão das suas ações econômicas. O Pan-americanismo se convertia, assim, num importante fundamento do seu expansionismo comercial (SOTOMAYOR, 1996, p. 766), quando a indústria estadunidense crescia vertiginosamente e o país se consagrava no seio das nações industrializadas mais importantes e em franca concorrência com o poderio britânico. Esses objetivos foram determinantes no peso empreendido no processo de expansão e o pan-americanismo se apresentava como uma forma de ampliar a influência dos Estados Unidos, consolidando seu domínio regional frente aos interesses europeus.

No entanto, essa iniciativa de se posicionar como árbitro das relações continentais não foi recebida de uma forma unânime, nem dentro e nem fora dos Estados Unidos. Na análise sobre a atuação diplomática estadunidense no estabelecimento de fronteiras entre a Argentina e o Chile, as autoras Hevilla e Zushman (2014) mostraram alguns interesses conflitantes, especialmente sobre uma elite argentina e chilena que não tinha interesse em cortar totalmente os seus vínculos com a Inglaterra. Além disso, o acordo firmado entre Estados Unidos e o Reino Unido para manterem suas áreas de influência, mostrava que os interesses ingleses não estiveram fora dos acordos tecidos entre esses países.

Ademais, é importante notar que essas conferências demonstraram ainda uma reação às políticas estadunidenses mais agressivas na região, e se tornaram também espaços onde se apresentavam perspectivas diferentes dos países

3 O conceito de América Latina foi difundido posteriormente, constituído por múltiplos elementos políticos e culturais, e foi definido na geopolítica após a primeira guerra mundial. A referência ao longo do século XIX é feita à América Central, Caribe e América do Sul (geralmente distinguindo o Brasil, diferente dos demais países pelo regime monárquico).

envolvidos. Esse tensionamento mostrou que o controle que os Estados Unidos intencionavam exercer não se realizaria apenas à base da força, seria necessário somar ações de aproximação cultural por diversos caminhos.

Exemplar espaço de difusão ideológica, cultural e científica desse projeto pan-americano foi representado pelas grandes exposições. Em 1901, os Estados Unidos se preparavam para exaltar o ideal pan-americano em uma exposição internacional, assumindo a cidade de Búfalo como anfitriã. Os debates e as notícias sobre a exposição se remetiam à celebração da união de toda a América, demonstrada por imagens de união entre os países do continente que se multiplicavam na propaganda do evento. Por outro lado, evidenciando as suas contradições, no centro da exposição foi instalada a arquitetura da *Triumphal bridge*, que representava as recentes vitórias dos Estados Unidos sobre a Espanha, que o levaram ao controle sobre Cuba e à anexação de Porto Rico e Filipinas, um símbolo para expressar o orgulho nacional.

A Exposição Pan-Americana de Búfalo, em 1901.

Em 1895, um grupo de negociantes de algodão de Boston foi atraído pelos baixos custos disponíveis da energia elétrica oriunda das cachoeiras do Niágara, na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, e pela vantajosa localização comercial, entre a costa leste e o meio oeste (BEWLEY, 2003, p. 182). A partir desses parâmetros eles escolheram a cidade de Búfalo, em Nova Iorque, para sediar a Exposição Pan-americana. Sua iniciativa teve eco entre cidadãos de Búfalo, que, em 1897, criaram a *Pan-American Exposition Company*, com a meta de organizar uma exposição que “mostrasse o progresso do Novo Mundo ao longo do século XIX”, conforme anunciavam os organizadores.

A exibição foi realizada entre 1º de maio e 2 de novembro de 1901, ocupando uma área de 1.4 km² do atual Delaware Park–Front Park. Mais de cem mil pessoas compareceram à cerimônia de abertura do evento, com a presença do vice-presidente da república, Theodore Roosevelt.

De acordo com o catálogo da exposição a maior parte dos países esteve presente e enviou representantes, alguns participaram com a construção de pavilhões, e outros com a exibição em exposições da agricultura, florestas ou etnologia. Estiveram presentes: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Peru, Porto Rico, El Salvador e Jamaica; Venezuela e Uruguai enviaram apenas expositores individuais (ARHART, 1901, p. 31-34).

As imagens foram artifícios pedagógicos muito destacados nas exposições, importantes na difusão de ideias e dos propósitos dos eventos. A marca visual da Exposição Pan-americana, reproduzida abaixo (imagem 1), é bem ilustrativa do desejo de aproximação entre os países da América, representado pelo encontro de mãos de duas mulheres, uma ao Norte e outra ao Sul do continente. O pôster

seguinte (imagem 2) retrata o símbolo da cidade de Búfalo e o tema central da exposição: a eletricidade como motor da modernidade; as descargas elétricas são emitidas pelo mundo a partir do continente americano, centralizado em Búfalo no topo do mundo. Ao mesmo tempo, há nessa simbologia um jogo visual e de palavras, pois o búfalo é também um símbolo nacional, que emergiu como símbolo do povo americano no início do século XX.

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 1: "Blue text and an illustration of a woman as North America and one as South America on a white background". Produzido por: The Whitehead & Hoag Co. Newark, N. J. U.S.A. Pat April 14, 1896, July 21, 1896. Disponível em: <https://www.buttonmuseum.org/buttons/pan-american-exposition>, acessado em 2 de novembro de 2019.

Imagem 2: "Buffalo Pan American Exposition Poster," *Materiality and Spectacle 2015*, disponível em: <https://ds-omeka.haverford.edu/materiality-and-spectacle-2015/items/show/55>, acessado em 2 de novembro, 2019.

Uma terceira imagem evoca os recursos naturais das Américas na forma de uma palmeira – emblemática na parte tropical e subtropical do continente – e de um pinheiro, representando os climas mais frios do Norte. Essa ilustração destaca o papel da exposição como espaço de troca de informações sobre matérias primas e produtos comerciais e industriais dos diversos países. A força imagética pressupunha um punhado de objetivos nela fomentados, relacionados à expansão econômica, à fartura das riquezas naturais e ao discurso de união dos povos americanos, apoiados no ideal do pan-americanismo. As palmeiras tiveram um papel central, por exemplo, nas visões americanas sobre o Brasil, em particular nos séculos XIX e XX; eles representavam os abundantes recursos naturais e ambientes tropicais exóticos da América Latina.

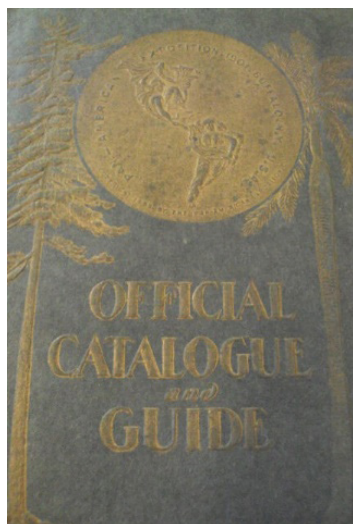


Imagem 3: Cover of the *Official Catalogue and Guidebook of the Pan-American Exhibition*. N.Y.; Buffalo: Charles Arhart, 1901.

A direção geral da exposição foi delegada a William Buchanan, considerado um diplomata por sua habilidade política e econômica de negociações e que já havia atuado na organização da Exposição de Chicago, em 1892. Segundo Zusman, Buchanan “se constituirá en un miembro de la elite estadounidense que vinculará el proyecto panamericanista al éxito de los negocios de las compañías privadas y del estado norteamericano en la región” (ZUSMAN, 2012, p. 6). Depois de Chicago, ele foi enviado como ministro plenipotenciário na Argentina, entre 1894 e 1899, com o objetivo de aprofundar as relações comerciais entre Estados Unidos e Argentina (HEVILLA e ZUSMAN, 2014, p. 99), tendo se tornado importante defensor dos interesses das empresas estadunidenses na região.

O plano geral da exposição ficou sob a responsabilidade de John M. Carrère⁴, que trabalhou na construção dos pavilhões e no estabelecimento da harmonia arquitetônica e estética dos espaços. Carrère elaborou esse plano a partir de um “arranjo lógico” na organização da disposição dos diversos edifícios. Estes, por sua vez, foram construídos no estilo “renascentista espanhol”, sugerindo “uma continuidade histórica da vida nas Américas” (FLINDLING e PELLE, 1990, p. 165). O colorido predominante na exposição se tornou uma de suas marcas, rendendo-lhe o título de *rainbow city*, a cidade arco-íris, ressaltado no trabalho das esculturas, assinado por Karl Bitter e Charles Turner. E o colorido arquitetônico modificava-se ao longo do dia, assumindo novo formato à noite: “quando a noite caía a cidade arco-íris se transformava na cidade da luz”, segundo Bewley (BEWLEY, 2003, p. 189).

A Exposição Pan-americana foi idealizada sob a perspectiva de um desenvolvimento tecnológico vitorioso. Talvez o melhor símbolo para marcar a primeira exposição do século fosse a exagerada iluminação de suas instalações, indicando a importância e o alcance da eletricidade como um símbolo marcante do encantamento produzido pela modernidade. Era ainda uma vitória do trabalho humano sobre a natureza, na medida em que a eletricidade que provinha das Cataratas do Niágara se estendia por quarenta quilômetros. Produzia-se, assim, uma forte simbologia da grandiosidade associada à exposição, representando a união de todo o continente americano, traduzida nas cores transformadas em luzes todas as noites, através da tecnologia. O uso da eletricidade nas exposições projetou-se como uma marca cultural que também sinalizava para uma visão de progresso marcada pelo apelo ao consumo e a um modo de vida moderno:

A Exposição Pan-americana foi o terceiro evento estadunidense a utilizar a eletricidade, precedida pelas de Chicago, em 1893, e de Omaha, em 1898. O espetáculo de luz apresentava-se em toda a sua extensão, distribuída pelos diversos pavilhões e na iluminação das avenidas. Uma gigantesca torre com 410 pés de altura, construída pelo arquiteto John Galen Howard, projetava em seu topo uma iluminação que se refletia multicolor, amparada pela escultura da “Deusa

4 John M. Carrère era arquiteto e sócio da prestigiada empresa Carrère and Hastings (Bewley, 2003, p. 185).

da Luz” (ARNOLD, 1901), produzindo um espetáculo ótico aos visitantes. À noite acendiam-se quarenta mil lâmpadas incandescentes, produzindo variados efeitos. No catálogo ilustrado de Arnold, a Torre Elétrica foi descrita como a peça central representativa da glória arquitetônica da Exposição.⁵

A abundância no uso da eletricidade assumia o significado de uma ação humana além dos limites, na concepção de um ilimitado uso da energia que simbolizava a vitória humana no domínio sobre a natureza. Constituíam-se aí um campo discursivo que se expressava nas grandes exposições através de um espetáculo visual aos espectadores. Além da Torre Elétrica, um amplo e luxuoso Pavilhão da Eletricidade foi construído, onde se apresentavam em quatorze grupos de classificação diversos aspectos relacionados às formas de produção e disseminação da energia elétrica (AHRART, 1901, p. 29).

Os investimentos nesse espetáculo também se justificavam diante da concorrência entre grandes empresas, que à essa altura já disputavam os mercados de fornecimento de energia elétrica, na tentativa de convencer os consumidores sobre a necessidade, o conforto, a praticidade e a segurança da luz elétrica nos lares. Isso foi demonstrado, por exemplo, na Exposição de Chicago, em 1892, na rivalidade entre as grandes empresas do setor, a *Thomas Edison’s General Electric Company* e sua concorrente *Westinghouse* (MÖLLERS, 2019, p.49).

Imagem 5



Imagem 5: Visão panorâmica noturna da *Pan-American Exhibition*. “Night View”, Digital Collections – University at Buffalo Libraries, disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=042e7edfcde44931bfe185d5bce9ae4b>, acessado em 12 de outubro de 2019.

Outro aspecto a ser destacado é de que os marcos arquitetônicos e a estética colorida associada à Exposição Pan-americana tiveram uma profunda relação com as teorias raciais difundidas na Europa e nos Estados Unidos desde a segunda metade do XIX, estendendo o seu alcance pelos demais países. Apesar das diferentes interpretações construídas por essas teorias, elas tinham em comum o entendimento sobre a existência de uma raça superior e de que alguns povos estariam fadados aos problemas decorrentes de sua inferioridade natural e cultural, sendo menos evoluídos que outros. Essa premissa apresentava-se na Exposição

5 “Representa o poder dos elementos, especialmente a misteriosa força da eletricidade, daí a iniciativa de torná-la um recurso distinto do Pan-Americano de Buffalo, cuja prosperidade comercial se deve em grande parte às águas dos grandes lagos e à eletricidade gerada pelo Niágara” (tradução livre).

Pan-americana a partir da exibição dos vários “degraus” de evolução humana nas Américas, em um percurso simbolizado na forma mais primária de identificação humana: as cores. Segundo Rydell,

At the Pan-American Exposition, rainbow colors linked to displays with ethnological messages produced an unforgettable image of American progress that helped structure those messages for the eight million people who visited the exposition. Outside the Government Building, Carrère placed a Fountain of Man adorned with statuary created under Bitter’s guidance, illustrating the struggle of man against nature. Inside the building visitors found Smithsonian exhibits delineating grades of Indian cultures in North and South America as well as a large display of cultural artifacts and natural resources from the Philippine Islands. Art and ethnology intersected more dramatically in the Ethnology Building⁶ (RYDELL, 1987, p. 136).

Cuidadosamente organizadas ao longo da exibição, tanto a sucessão de cores dentro e fora dos prédios quanto a distribuição dos artefatos dentro dos pavilhões, mostrava uma sequência evolutiva que remetia à própria ideia em difusão dos “estágios” da evolução humana. Bewley mostra que Bitter e Turner trabalharam em conjunto para produzirem uma harmonia inovadora no plano de cores e nas esculturas, baseando-se em uma noção evolucionista de progresso da civilização. Assim, as cores primárias (principalmente o amarelo claro e o vermelho com detalhes dourados) se apresentavam na entrada da exposição e sutilmente progrediam em tons suaves ao mover-se para o norte, onde se chegava ao “clímax”, ou auge da civilização, representado pela América do Norte, que se exibia através da Torre Elétrica, pintada com um branco creme sombrio que se iluminava à noite (BEWLEY, 2003, p.189). Os pavilhões levavam os visitantes a conhecerem os “estágios” do progresso racial, organizando-se a exposição como um percurso instrutivo sobre a História e a Ciência, centrados no evolucionismo biológico e cultural que orientava o olhar no sentido do que seria o progresso da humanidade. Segundo Rydell, as exposições etnológicas atuaram fortemente para reforçar essas ideias: “Ethnological exhibits reinforced the artistic presentation of racial gradations”⁷ (RYDELL, 1987).

Os organizadores da Exposição Pan-americana empregaram intencionalmente a cor como um afastamento da arquitetura clássica branca da exposição de Chicago de 1893, que celebrou a chegada de Colombo à América. Em Chicago, a exibição apontava para uma conexão com a Grécia e com Roma, realçada por

6 “Na Exposição Pan-Americana, as cores do arco-íris ligadas a mostruários com mensagens etnológicas produziram uma imagem inesquecível do progresso americano que ajudou a estruturar essas mensagens para os oito milhões de pessoas que visitaram a exposição. Do lado de fora do prédio do governo, Carrère colocou uma Fonte do Homem adornada com estatuária criada sob a orientação de Bitter, ilustrando a luta do homem contra a natureza. No interior do edifício, os visitantes encontraram as exposições do *Smithsonian* que delineavam graus de culturas indígenas nas Américas do Norte e do Sul, além de uma grande exibição de artefatos culturais e recursos naturais das Ilhas Filipinas. Arte e etnologia se cruzaram mais dramaticamente no Edifício Etnologia.” (tradução livre).

7 “Exposições etnológicas reforçaram a apresentação artística de gradações raciais” (tradução livre).

meio dos laços dos Estados Unidos, através de Colombo, com a cultura europeia antiga. Em contraste, os vermelhos, amarelos, dourados e verdes de Búfalo, em combinação com a arquitetura renascentista espanhola, enfatizavam uma conexão horizontal entre todas as nações americanas, unificadas em contraposição à Europa. Os edifícios coloridos demonstravam também uma extravagância, quando a pintura exterior estava apenas começando a se tornar uma moda, acessível para os cidadãos estadunidenses e canadenses (MACFADYEN, 2018, p.143-44). Os edifícios coloridos de Búfalo eram, portanto, um sinal de riqueza e progresso, que pareceriam ainda mais “modernos” para os visitantes. Ao mesmo tempo, os edifícios coloridos estavam subordinados à brancura e à altura gritantes da Torre Elétrica, emblemática da estética em desenvolvimento dos arranha-céus, uma técnica arquitetônica distintiva dos Estados Unidos naquele momento (BEWLEY, 2003, p. 189). O pan-americanismo em Búfalo, portanto, incorporou uma hierarquia flexionada pelos Estados Unidos, que incluía e subordinava a América Latina, distinguindo-a em cores e formas. A delegação Mexicana, por exemplo, com um pavilhão que exibia os produtos das empresas, espelhava as exposições etnográficas no *Mid-Way*, realmente o “meio do caminho”, como um ponto de parada na história da evolução política e comercial dos Estados Unidos (ARHART, 1901, p. 39). Por outro lado, o edifício do estado de Nova Iorque, construído como uma estrutura permanente para abrigar as coleções da *Buffalo Historical Society*, após a exposição, apresentava mármore branco no estilo de um templo grego (ARHART, 1901, p.27). O estilo renascentista espanhol adotado em diversos pavilhões representou um estágio no caminho evolutivo, mas não foi utilizada para traduzir a modernidade de Búfalo (BEWLEY, 2003, 186).

No ideal pan-americano as noções de raça e civilização se constituíram como representativas do pensamento de fins do século XIX e início do XX (RÉ, 2010). Essas ideias repercutiram entre os intelectuais de vários países da América Latina e, no Brasil, se expressaram fortemente em publicações como a *Revista Americana* (BAGGIO, 2000). O panamericanismo atravessou o continente estendendo-se sobre as profundas desigualdades que marcariam projetos de elites regionais em seu processo de afirmação a partir da distinção étnica e racial, bem como dos valores relacionados à noção de civilização.

Como todos os eventos correlatos, essa exposição apresentava um viés econômico, marcado pelas intenções de expandir a atuação dos negócios norte-americanos para os demais países do continente, bem como diminuir a influência inglesa sobre eles, refletindo os esforços empreendidos pelo governo, conforme delineado na I Conferência Pan-americana. Apesar da participação das nações americanas ter sido menor do que se esperava em Búfalo, o panorama econômico das finanças dos Estados Unidos estimulava tanto a aplicação de capitais naqueles países, quanto a expansão das trocas comerciais com os setores agrícola e industrial estadunidense.

Malgrado a assimetria nas relações econômicas e de poder, também se pode reconhecer a rede de interesses traçadas pelos países da América Central e da

América do Sul ao se aproximarem dos Estados Unidos e ao estabelecerem comércio com ele. Foi exemplar, por exemplo, o caso do Brasil, na aproximação estimulada pelo governo republicano para maior visibilidade dos produtos brasileiros nos Estados Unidos. No contexto estudado por Santos (SANTOS, 2009, p. 165-185), o autor aponta os interesses na propaganda dos recursos minerais brasileiros e das possibilidades de sua exploração na Exposição Pan-americana. Sua análise enfoca a descrição realizada no *Engineering and Mining Journal* e a atuação do comissário brasileiro Alcides Medrado, que obteve três medalhas para o Brasil no evento, relacionadas à apresentação de ouro, manganês e ferro. A divulgação dos recursos minerais do Brasil teve continuidade nesta exposição através de outro periódico, o *Brazilian Engineering and Mining Review*, criado após a Exposição de 1901 e editado em inglês. Toda a sua atuação demonstrava o esforço para apresentar o país ao exterior, mostrando seu potencial para a exploração de recursos minerais variados e abundantes.

Emblemática demonstração das intenções norte-americanas na *Pan-American Exposition* foi expressa no discurso do Presidente da República William McKinley, um dia antes do seu assassinato, no qual ele elencou metas importantes na ampliação do comércio dos Estados Unidos com outros países. Ressaltando a política da “boa vontade” como condição para o estabelecimento de relações comerciais amigáveis, ele destacou a premência da ampliação e melhoria das redes de transportes:

The period of exclusiveness is past. The expansion of our trade and the commerce is the pressing problem. Commercial wars are unprofitable. A policy of good will and friendly trade relations will prevent reprisals. Reciprocity treaties are in harmony with the spirit of the times; measures of retaliation are not.

If perchance some of our tariffs are no longer needed for revenue or to encourage and protect our industries at home, why should they not be employed to extend and promote markets abroad? Then, too, we have inadequate steamship service. New lines of steamers have already been put in commission between the Pacific coast ports of the United States and those on the western coasts of Mexico and Central and South America. These should be followed up with direct steamship lines between the eastern coast of the United States and South American ports. One of the needs of the times is direct commercial lines from our vast fields of production of the fields of consumption that we have but barely touched” (MCKINLEY, 1901, p. 7).⁸

8 “O período de exclusividade é passado. A expansão dos nossos negócios e do comércio é o problema premente. As guerras comerciais não são lucrativas. Uma política de boa vontade e relações comerciais amigáveis vão prevenir represálias. Os tratados de reciprocidade estão em harmonia com o espírito da época; as medidas de retaliação não. Se, por acaso, algumas de nossas tarifas não são mais necessárias para gerar receita ou para incentivar e proteger nossas indústrias domésticas, por que elas não deveriam ser empregadas para ampliar e promover os mercados no exterior? Além disso, temos um serviço inadequado de navio a vapor. Novas linhas de vapor já foram colocadas em serviço entre os portos da costa do Pacífico dos Estados Unidos e os da costa oeste do México e da América Central e do Sul. Estes devem ser seguidos com linhas diretas de navio a vapor entre a costa leste dos Estados Unidos e os portos sul-americanos. Uma das necessidades atuais são linhas comerciais diretas de nossos vastos campos de produção dos

Sobre esse ponto do discurso é importante ressaltar um aspecto que se destaca entre os propósitos do pan-americanismo: entre os três principais temas dos debates das conferências pan-americanas destacadas por Zusman, estava a aceleração das comunicações terrestres e marítimas entre os países do continente, além dos outros dois relacionados à união aduaneira e à participação dos Estados Unidos na arbitragem de conflitos da região (ZUSMAN, 2012). Essas três metas se articulavam mutuamente, consolidando a postura política e diplomática do país na ampliação da influência comercial na região. Nesse sentido, a autora citada ressalta o quanto a questão da mobilidade e do abastecimento foi sendo incorporada à agenda pan-americanista. Os Estados Unidos já vinham dando sinais nessa perspectiva ao facilitar redes marítimas de transporte com países da América do Sul a partir de Nova York, desde fins da guerra de secessão, inclusive tornando-os mais vantajosos do que o comércio com os ingleses. O discurso de McKinley, portanto, marca essa condução na política comercial, que aponta a variedade de ações a serem implementadas para uma efetiva presença estadunidense na economia do continente.

Em seguida, o discurso do presidente reafirmava a importância dos laços de cooperação com a América Central e do Sul, indicando a necessidade de estabelecimento de uma união entre as três partes do continente e ampliando as oportunidades comerciais com a abertura do acesso entre os dois oceanos, vislumbrada com a construção do canal do Panamá:

Next in advantage to having the thing to sell is to have the conveyance to carry it to the buyer. We must encourage our merchant marine. We must have more ships. They must be under the American flag, built and manned and owned by Americans. These will not only be profitable in a commercial sense, they will be messengers of peace and amity wherever they go. We must build the Isthmian canal, which will unite the two oceans and give a straight of water communication with the western coasts of Central and South America and Mexico. The construction of a Pacific cable cannot be longer postponed (MCKINLEY, 1901, p.7-8).⁹

A inauguração do Canal do Panamá só ocorreu em 1914 promovendo a ligação entre o Atlântico e o Pacífico e propiciando um aumento das redes comerciais dos Estados Unidos, especialmente com aumento das atividades comerciais junto ao Porto de Nova Orleans. A finalização da construção e abertura do canal do Panamá foi celebrada na grandiosa Exposição de San Francisco, em 1915, a chamada *Panama Pacific International Exposition*, uma intenção de tornar esse evento político espetacular, quando o mundo se via mergulhado em uma guerra mundial.

campos de consumo que temos, mas mal tocamos” (tradução livre).

9 “Ademais, a vantagem de ter o que vender é ter o transporte para transportá-lo ao comprador. Devemos incentivar nossa marinha mercante. Nós devemos ter mais navios. Eles devem estar sob a bandeira americana, construídos, tripulados e de propriedade dos americanos. Estes não serão apenas lucrativos no sentido comercial, serão mensageiros de paz e amizade aonde quer que vão. Devemos construir o canal do Istmo, que unirá os dois oceanos e proporcionará uma comunicação direta da água com as costas ocidentais da América Central e do Sul e do México. A construção de um cabo do Pacífico não pode mais ser adiada” (tradução livre).

Concluindo o discurso, o presidente apelava aos laços culturais e afetivos, aprofundando a ideia do que a exposição buscava exaltar, ou seja, uma integração cultural, uma pavimentação ideológica. McKinley descreveu a Exposição Pan-americana como o evento que “toca o coração dos americanos”, devendo estar as mentes alertas para as relações fraternas que deveriam ser construídas no continente para alavancar o comércio entre as nações (MCKINLEY, 1901, p.9). Estavam aí reunidos os objetivos anteriormente apontados, onde a política amigável somava-se às metas econômicas e políticas de ação no continente. O governo anunciava assim a importância da Exposição que enquanto arquitetura efêmera iria desaparecer, mas que assumia a missão de influenciar os cidadãos para as relações de amizade e integração a serem alicerçadas no continente.

Bibliografia

AHRART, Charles. *Official Catalogue and Guide Book to the Pan-American Exposition with Maps of Exposition and Illustrations*. Buffalo, N.Y.: Charles Arhart, 1901.

ARNOLD, C. D. *The Pan-American Exposition illustrated*. Buffalo, NY: 1901.

BENNETT, Tony. *The Birth of the Museum*. History, theory, politics. London and New York: Routledge, 1995.

BAGGIO, Kátia Gera. Os Intelectuais Brasileiros e o Pan-Americanismo: A Revista Americana (1909-1919), Anais Eletrônicos do IV Encontro ANPHLAC, 2000, disponível: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/katia_baggio_0.pdf, acesso em 28/04/2020.

BETHELL, Leslie. “Brazil and Latin America”, in: BETHELL, Leslie. *Brazil: Essays on History and Politics*. School of Advanced Study, University of London, Institute of Latin American Studies, 2018.

BEWLEY, Michele Ryan. The New World in Unity: Pan-America Visualized at Buffalo in 1901, *New York History*, vol. 84, No. 2, 2003, p. 179-203.

BUFFALO and Erie County Historical Society. A Guide to the Pan-Am Grounds, 2001, disponível: <https://www.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=042e7edfcde44931bfe185d5bce9ae4b>, acesso em 12/12/2019.

CRIBELLI, Teresa, “Império das Palmeiras: os estados unidos descobrem o império do Brasil,” in: MARTINS, Cecelia Ana; Sochaczewski, Monique. *As Descobertas do Brasil: o olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

CRIBELLI, Teresa, “A Modern Monarch: Dom Pedro II’s Visit to the United States in 1876,” *Journal of the Historical Society*, IX:2, junho 2009, p. 223-254.

FERRERAS, Norberto. El Panamericanismo y otras formas de relaciones internacionales en las Américas en las primeras décadas del Siglo XX, *Revista da ANPHLAC*, n.15, p. 155-174, jul./dez. 2013.

FIFER, J. Valerie, *United States Perceptions of Latin America, 1850-1930: a 'New West' South of Capricorn?* Manchester: Manchester University Press, 1991.

FINDLING, John E. and PELLE, Kimberly D. *Historical Dictionary of World's Fairs and Expositions, 1851-1988*. New York: Greenwood Press, 1990.

GOBAT, Michel. The Invention of Latin America: A Transnational History of Anti-Imperialism, Democracy, and Race, *The American Historical Review*, vol. 118, N^o 5, December 2013, p. 1345-1375

GREENHALGH, Paul. *Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939*. Manchester: Manchester University Press, 1988.

HEVILLA, Maria Cristina e ZUSMAN, Perla. Panamericanismo y arbitraje en conflictos de límites: la participación de Estados Unidos en la definición de la frontera argentino-chilena en la Puna de Atacama (1899), *Cuadernos de Geografía, Revista Colombiana de Geografía*, Vol. 23, n.º 2, 2014, p. 95-106.

MACFADYEN, Josh, *Flax Americana: A History of the Fibre and Oil that Covered a Continent*. Montreal and Kingston: McGill-Queen's University Press, 2018.

MCKINLEY, William. *The last speech of President McKinley*, delivered at the Pan-American exposition, Buffalo, 5 de setembro de 1901, disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/009592104>, acesso em 2/10/2019.

MÖLLERS, Nina. "Electrifying the World Representations of Energy and Modern Life at World's Fairs, 1893-1982", in: MÖLLERS, Nina e ZACHMAN, Karin (Ed.). *Past and Present Energy Societies*. How Energy Connects Politics, Technologies and Cultures. Transcript Verlag: 2012.

RÉ, Flávia Maria. A distância entre as Américas: uma leitura do pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1899-1912). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. São Paulo: USP, 2010.

RYDELL, Robert W. *All the World's a Fair*. Visions of Empire at American International Expositions, 1876-1916. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

RYDELL, Robert; FINDLING, John and PELLE, Kimberly. *Fair America: World's Fairs in the United States*. Washington: Smithsonian Institution, 2000.

SANJAD, Nelson. Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.24, n.3, jul.-set. 2017.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita. O Brasil nas Exposições Universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações. São Paulo: Instituto de Geociências da Unicamp, 2009 (Dissertação de Mestrado).

SOTOMAYOR, Teresa Maya. Estados Unidos y el panamericanismo: el caso de la I Conferencia Internacional Americana (1889-1890), *Historia Mexicana*, Vol. 45, No. 4, Una mirada hacia afuera: México y América Latina, siglos XIX y XX, abr-jun 2006, p. 759-781.

VARGAS, Mojana. A construção do Pan-Americanismo nas páginas de *Américas* (1949-1969), *Revista Crítica Histórica*, ano V, nº 9, julho/2014.

ZUSMAN, Perla. Panamericanismo e Imperialismo no formal: Argentina y las Exposiciones Universales Estadounidenses de Búfalo (1901) y San Francisco (1915), *Revista Electronica de Geografia y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, vol. XVI, nº 418 (64), 2012